Acervo ISA

LUX JORNAL | O POPULAR GOIÂNIA - GO | PUBLICADO EM: * 7 FEV 1997

158 190 5

216

Ainda haveria 70 famílias de posseiros na reserva

Polícia reprime garimpo em área dos avá-canoeiros

Funai considera estranho relatório do Batalhão Florestal e Femago que afirma serem "inverídicas" às denúncias da presença dos invasores no local

As centenas de garimpeiros que invadiram no mês passado a reserva dos índios avá-canoeiros, no Norte do Estado, suspenderam suas atividades, depois de várias inspeções realizadas na área pelo Batalhão de Polícia Florestal (BPF) e a Fundação Estadual do Meio Ambiente de Goiás (Femago). A informação é do chefe local da Funai, Walter Sanches, que fez a denúncia há cerca de duas semanas.

Segundo ele, apesar da situação ter voltado relativamente ao normal, o problema não está resolvido em definitivo. "Ainda é possível encontrar vestígios dos invasores, que em muitos casos estão trabalhando à noite, como provam as várias camisinhas de lampião encontradas ali", relata. Para comprovar o fato, Sanches fez dezenas de fotografias do local.

Na semana passada, a denúncia da presença de garimpeiros na reserva foi considerada "inverídica" em relatório assinado por representantes do BPF e da Femago, que fizeram patrulhamento na área, inclusive sobrevoando-a. No documento, os autores afirmam que a situação ali é de "total calmaria e se encontra até o presente momento sem a presença de garimpeiros." Mais adiante, o texto informa que "o que deparamos foi alguns desinformados tentando fazer o uso manual com batéias" e que o que existe são pescadores que "estão sendo confundidos com garimpeiros".

Para o chefe da Funai, o resultado do relatório é "estranhíssimo". Segundo ele, até a data da denúncia, não há como negar a invasão. "O que aconteceu depois é que, como a situação tornou-se pública e a repercussão foi grande, muitos desistiram, mas, com certeza, apenas temporariamente", diz. Sanches explica que o eixo do problema é que o garimpo está sendo tanto apoiado quanto praticado pelas cerca de 70 famílias de posseiros que moram na reserva, o que complica a fiscalização. "Somente elas somam quase 350 pessoas, excetuando amigos e parentes que foram convidados para garimpar ali", afirma.

Com este quadro, ele considera ilusão acreditar que o problema está resolvido, como sugere o relatório do BPF e da Femago, e explica que, com o início do período da seca, o trecho do Rio Tocantins, abaixo da Usina de Serra da Mesa, vai ter um volume de água reduzidíssimo e tornar-se ainda mais propício ao garimpo. "É uma questão de tempo para que novos focos se formem", alerta.

VIDE-VERSO

Acervo ISA

LUX JORNAL | O POPULAR GOIÂNIA - GO | PUBLICADO EM: 7 FEV 1997

Comissão quer vigilância ativa

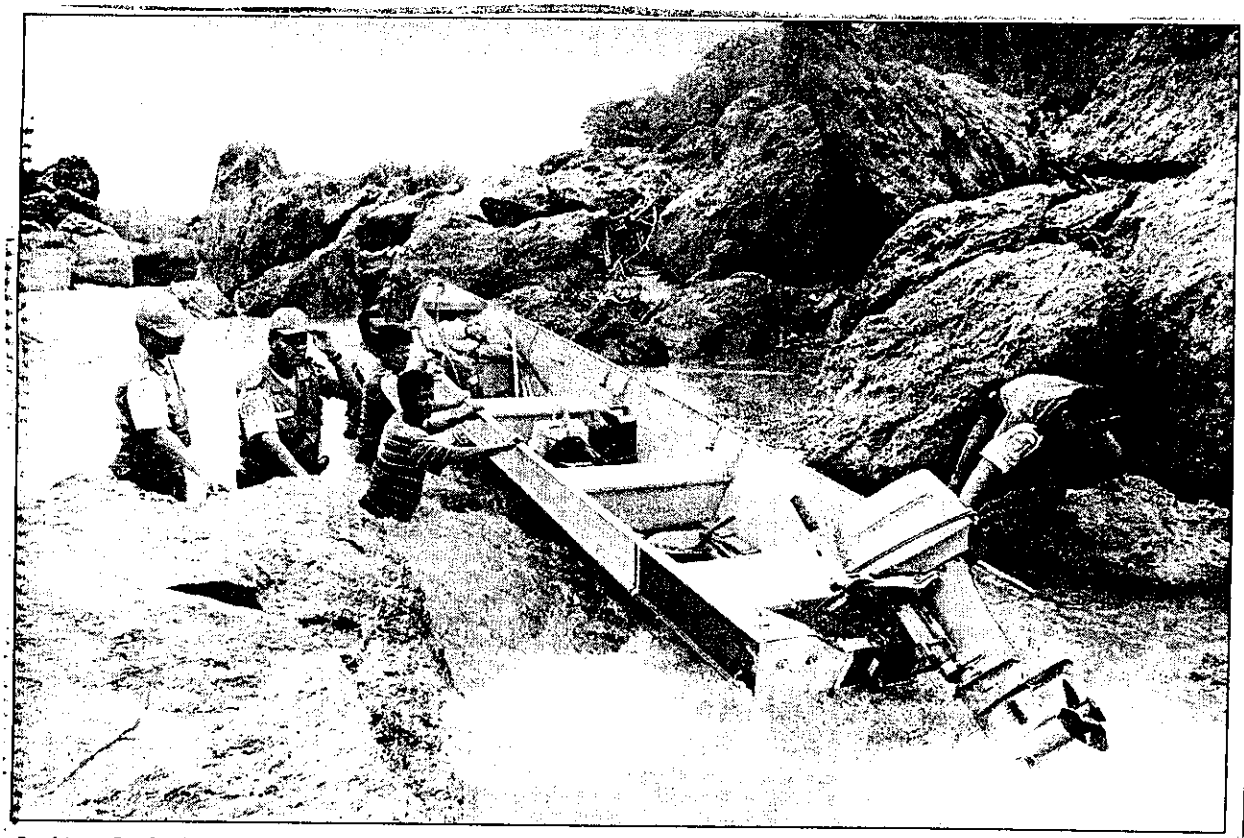
A Comissão de Defesa do Consumidor, Meio Ambiente e Minorias da Câmara Federal vai solicitar à empresa Furnas, à Funai, à Femago e ao Batalhão de Polícia Florestal que tomem todas as providências que estão sob suas responsabilidades para impedir o garimpo na reserva dos índios avá-canoeiros. De acordo com o presidente da comissão, deputado Gilney Viana (PT/MT), apesar das divergências em relação ao número de garimpeiros que estariam na área, o quadro é preocupante. Por isso, a principal medida a ser requisitada é a implantação de um sistema de vigilância ativo e permanente, que impeça tanto a presença de estranhos quanto qualquer atividade dentro da reserva.

Neste sistema estariam incluídos o monitoramento semanal da área, com a utilização de aviões ou ultra-leves; a instituição de uma frota de veículos com tração nas quatro rodas para a inspeção em locais de difícil acesso; e a construção de postos de vigilância nos pontos mais utilizados para o acesso ilegal à reserva. "Vou cobrar uma ação conjunta destes órgãos, pois quem está saindo perdendo são os poucos avá-canoeiros que restam", diz.

A decisão de Viana de solicitar providências para o problema foi tomada depois de visita realizada na área indígena na terça-feira. O deputado e vários assessores foram constatar as denúncias feitas pelo chefe local da Funai, Walter Sanches, de que centenas de garimpeiros haviam invadido a reserva. Na visita, além de Sanches, eles conversaram com representantes da Femago, do Batalhão Florestal e de Furnas. O quadro apurado será descrito em relatório a ser enviado a todos os envolvidos.

Na avaliação de Viana, o garimpo aconteceu e está acontecendo, mas as proporções são discutíveis. Ele também critica a Funai e diz que o órgão deveria dar mais atenção àquela realidade. "O chefe do posto está sozinho para cuidar da reserva e ainda não é assistido. É preciso mais gente ali", afirma. Para o deputado, o fato de Furnas "ter causado tudo" não exime de responsabilidade os outros envolvidos com a questão.

Segundo ele, o quadro é preocupante sobretudo porque as atividades garimpeiras podem ameaçar a integridade física dos indígenas. "Há uma situação especial ali, pois, apesar de ser apenas cinco avás, se está fazendo um imenso esforço para recompor aquele povo. Por isso, é preciso criar um cinturão de defesa em torno deles. É uma necessidade estratégica", observa. "É bom lembrar que a perda de um único avá representa 20% da população."



Leito do *Rio Tocantins na área dos avá-canoeiros, em Minaçu, está baixo com chegada do período da seca*